

# RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTOR

D. GUIOMAR TORREZÃO

1.<sup>a</sup> SERIE

NUMERO 12

GERENTE

HENRIQUE ZEFERINO

LISBOA, 9 DE MARÇO DE 1881

A redacção das RIBALTAS E GAMBIARRAS desejando tornar cada vez mais interessante e variada a leitura d'esta revista, correspondendo assim ao ex'raordinario exito que ella tem obtido no publico, vae brevemente dar em folhetins a traducção do ultimo romance de George Sand, «Albina», que começa agora a ser publicado na «Nouvelle Revue», para o que obteve a indispensavel auctorisação da sua illustre redactora, madame Adam.

## QUESTÃO LITTERARIA

No intuito de não demorar a resposta do grande escriptor, o sr. Camillo Castello Branco, ao artigo do sr. Conceição que transcrevemos do «Seculo», damos hoje aos nossos leitores um numero extraordinario. Publicamos n'este numero, como complemento da «questão litteraria» que tão viva impressão tem produzido no publico, os artigos do sr. Silva Pinto, que colhemos no n.<sup>o</sup> 3 da «Bibliographia» do sr. Chardon.

### O sr. Camillo Castello Branco e a «Corja»

Começa a pungir-nos o remorso de termos beliscado este asqueroso marabuto do romantismo indigena.

Elle está por tal forma congestionado e apoplectico que recebiamos vel-o de um momento para o outro, n'um accesso de raiva hydrophoba, rebenatar de indignação e sermos obrigados a responder perante a junta de saude publica como involuntarios infeccionadores da atmospheria nacional.

Vamos hoje acaricial-o com os nossos adjectivos mais unctuosos e emolientes, que pediremos de emprestimo á prosa babada e pelintra da sr.<sup>a</sup> Sophia Amelia, a ver se amaciamos os lombos hirsutos d'este javardo espumante, fugido bacorinho das estrumeiras lisbonenses para os matagaes da Samardam, onde se cevou. Não calumniemos a Samardam.

Discussão tranquilla, argumentos serios, polemica cavalheirosa e decente não ha esperal-a d'este Jupiter trovejante e enfatuado, que se suppõe n'um paiz de idiotas pelo facto de haver uns asnos que lhe applaudem todas as chocarrices, que lhe palmoam todos os desvarios e que lhe toleram todas as grosserias. Espanta-se de nos não ver alistados na ala dos seus admiradores incondicionaes e d'ahi este seu praguejar de arriero embriagado.

Confessa, com uma falsa vaidade comica, que nos perdeu o medo, porque esgotámos com elle o nosso magro cabedal de gracejos. Estimamos isso, por que nunca ambicionámos assustal-o. O que pretendemos, e isso conseguimos-o, foi demonstrar-lhe que não recebiamos os raios da sua colera bordalenga.

Depois, assumindo os seus ares pedagogicos e apumados de velho grammaticão ridiculo, encavalgando os grossos oculos de antigo rhetorico pretencioso, dando pancadinhas solemnes na sua caixa de meio grosso, elle serve com delicias de recta-pronuncia uma pitada academica e demonstra-nos que não sabemos declinar prono-

mes pessoas, por que n'uns versos ha vinte annos escrevemos a si em vez de a vossa senhoria!

Puxa depois do lenço vermelho, interpõe-n'o gravemente entre os indicadores e as azas do pariz, assoa-se com estrondo para impor attenção ás galerias e senta-se solemne e pausado satisfeito de si proprio! Na sala sente-se apenas o zumbir d'um bezouro a embirrar com uma vidraça, e ha supersticiosos que pensam que é o espirito aptero da sr.<sup>a</sup> Guiomar Torresão entoando louvores ao grande homem em prosa de furta cores.

Abrimos tão bem aqui um parenthesis para rogar a esta illustre dama a fineza de dispensar os nossos artigos da publicidade das suas Ribaltas. Não temos preocupações de popularidade, e a nossa prosa parece-nos esteril de mais para servir de materia collectavel no orçamento dos alfinetes da insigne escriptora, como s. ex.<sup>a</sup> diz de si mesma nas locaes anonymas. Que s. ex.<sup>a</sup> fique pois sabendo que é prohibido pelas leis d'este paiz a transcripção na integra de quaesquer escriptos sem o consentimento explicito do auctor, consentimento que no caso presente não foi solicitado nem sequer pela remessa espontanea do jornal em que os meus artigos eram transcriptos.

Voltando ao sr. Camillo dir-lhe-hemos que sobre este caso das incorrecções grammaticas devia s. ex.<sup>a</sup> ser talvez mais benevolente attenta a incorrecção com que se mette a citar phrases de linguas estrangeiras, aos sessenta annos, cheio de rheumatismo e de gloria.

Largue a ferula e fique sabendo que se não escreve *hors de ligne*; *hors de ligne* é uma tollice de calouro; diz-se *hors ligne*.

Quando pois quizer parvoices, não saia para fóra da prosa mazorra e sorna dos seus adorados quinhentistas. Ahi está bem, como uma bella faca de silex, bem denticulada e fina, n'uma collecção archeologica. Fóra d'essa enorme pressão de tres seculos de imbecilidade fradesca v. ex.<sup>a</sup> desfaz-se com um velho osso carcomido e fossil ao contacto do ar fresco e estimulante da vida moderna. Como especimen de paleontologia litteraria v. ex.<sup>a</sup> é precioso e unico. É tão perfeito que chega a parecer vivo, á força de arribiques postigos. Não passa porém, de um frade... empalhado—cá está outra vez a palha a denunciar-lhe o recheio.—É um talento de conserva, de conserva ingleza, é verdade, muito apimentado, muito carregado de malagueta e de especiarias acirrantes, bom para estomagos dispepticos ou para frascarios arruinados. De resto um sujeito inoffensivo, muitissimo inoffensivo, bom catholico, temente a Deus, amigo do throno e do altar, com umas preocupaçõesitas grotescas de bastardia aristocratica e levemente escandaloso, d'uma sentimentalidade lyrica muito falsa, muito postiga, muito reles de velho precito portuense de calça de bocca de sino e de luva côr de canario... um typo, um bom typo portuguez de lei, cheio de palavras e ôco de idéas.

Uma boa pessoa! Até se encarrega de nos calumniar gratuitamente, o que lhe terá acontecido poucas vezes, e de nos elogiar tentando deprimir-nos, desastre muito commum na gloriosa vida litteraria de s. ex.<sup>a</sup>

Relembra as phrases lisongeiras que lhe dirigimos no nosso primeiro artigo e contrapõem-n'as ao que escrevemos depois para lhe castigarmos as grosserias e a brutalidade. Não vê, o alho, que está n'isso justamente a justificação do nosso actual procedimento.

Convídamol-o para uma discussão tranquilla e digna, para uma polemica cavalheirosa e seria, e s. ex.<sup>a</sup> sahiu de lá da sua taberna do Minho, de olbar avinhado, de passo incerto, de rosto apoplectico e de braços arremangados a vomitar pragas e a escarrar obscenidades.

Dada esta deploravel situação nós tinhamos deante de nós apenas dois caminhos a seguir: ou voltar-lhe as costas e deixal-o na

rua a praguejar e a proferir indecências até que lhe passasse a borraqueira ou que a policia tomasse conta de s. ex.<sup>a</sup>, ou pegar d'um cacete e desancal-o. Adoptámos este segundo expediente e é o que estamos fazendo o mais conscienciosamente que pudemos.

Havemos de demolir-lhe esse velho arcaboço da sua irritantissima vaidade, tenha a corteza d'isso.

Não ha adjectivos que o salvem, nem insolencias que o liberthem. Lançámos-lhe as unhas a esse lençol de fantasma de encrusilhada com que anda mettendo susto aos fedelhos da critica e creia que lhe fica em farrapos.

Debaixo d'essa capa de papão está o merecimento real do escriptor, e esse terá que lucrar em ser visto sem estes apparatus de velha farça de cordel.

Para me carimbar de ingratos estes affagos com que lhe vou anediando a juba de velho leão portuense das florestas do *Palheiro* —ahi tem mais palha, seu asno — este espantallo atira-me á cara com uns elogios, quasi gratuitos valha a verdade, que me dispensou no *Cancioneiro alegre* — outra ignobil exploração mercantil!

Em que chaga s. ex.<sup>a</sup> me vem bolir!

Infandum, *Camillo*, jubes renovare dolorem.

Foi esse livro cruel, esse livro fatal que acabou de me desfolhar a florinha do meu pequeno amor proprio de antigo poeta lyrico. N'esse livro, que me custou os meus ricos oito tostões, se o quiz, apesar de me ter sido solicitada particularmente pelo auctor collaboração para elle, o sr. Camillo, com a sua clamyde barata de Jehovah das *Varietades*, com as suas barbas postiças de velho papão de entremez, traçando no ar circulos cabalísticos com a sua reles caneta de 10 réis, mandou apartar os escriptores nacionaes em dois grupos, o dos reprobos e o dos escolhidos. Para o lado dos reprobos ordenou que passassem Guerra Junqueiro, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Theophilo Braga, Oliveira Martins, Gomes Leal, quasi tudo o que em escriptores nacionaes de hoje se impõe ás minhas sympathias e ao meu respeito, muitos pela austeridade do character e todos pela elevação incontestavel do talento. Para o lado dos escolhidos ficava eu com a turba anonyma dos litteratiços nullos e alguns bons espiritos escapados á ferocidade bestial d'este *sova* da critica. Desde esse momento eu comprehendi que uma das mais feias leviandades da minha vida de rapaz era o meu volume de versos, pois que me dava jus no tribunal da critica a uma classificação de tolo. Aceitei resignado a sentença e tracto de me regenerar mettendo-me a clinico especialista de litteratos furiosos.

A proposito d'esta especialidade será bom que o sr. Camillo tenha presente ao seu espirito que enceta uma empreza arriscada mettendo-se em investigações scientificas ácerca da natureza mineralogica do meu craneo, por que pôde excitar-me o appetite de entrar em iguaes investigações ácerca do seu, e não lhe deixar osso inteiro, a não ser os da cabeça, que reservo para tropheu da minha sala de armas em memoria d'estas correrias venatorias pelos montados da critica bravia...

Escusa de estar a riscar no chão dando-se ares ridiculos de faia tonante e farçola ao ensinar ao mundo este alto problema geographico: que entre a Figueira e S. Miguel de Seide ha trinta leguas de distancia. Não seja Calino. Se entre a Figueira e S. Miguel de Seide medeiam trinta leguas, os seus puxões de orelhas platonicos bem sabem que entre S. Miguel de Seide e a Figueira ha mais de dois passos. Não se faça toleirão, porque a mim, quando se me esgotarem os recursos da palavra para lhe castigar as insolencias alvares alugo abi no Porto um gallego e mando-o a S. Miguel de Seide arrethental-o com dois pontapés. Se vir pois que afrouxo n'esta polemica prepare-se para receber a correção n'aquella parte do corpo que serve de *cache-nez* aos Avilas da critica nacional, seus admiradores incondicionaes e incondicionados.

Escusa de exigir atticismos de nós. Não deitamos perolas a cerdos.

Termina o sr. Camillo este seu ultimo e memoravel aranzel com uma graçola avinhada, digna do resto, de marafona vadia fazendo ronda nocturna ás estações do corpo da guarda.

Nós pegamos d'um ancinho, enterramol-o na estrumeira da *Corja* e arrancamos de lá, como resposta condigna ás finas graças de s. ex.<sup>a</sup>, os tres primeiros periodos da pagina 147. Que se regale com aquelle vocabulo unico em lingua de homens, segundo a pesada autêridade de s. ex.<sup>a</sup>. E como s. ex.<sup>a</sup> teve em tempos, segundo

consta, umas pretensões infelizes a titular, apraz-nos eleva-lo á categoria de *bailio* de S. Miguel de Seide, barão do Casacão e visconde de Vallada.

Dada na Figueira no Entrudo de 1881.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

## O SR. CONCEIÇÃO—CORJA

Nunca entrou nos meus planos metter este homem em Rilhafolles. Saibam-no todos. Apresso-me a declinar de mim futuras responsabilidades. Posso sentir picar-me a vergonha de ter posto a chibata na cara do garoto que me fez tregeitos de gandaia; mas nunca sentirei remorsos quando elle descambe de idiota a furioso. Verdade é que a republica das letras, se perder este philosopho demagogico, ganha um tolo funesto de menos; mas ainda assim regeito a presumpção gloriosa de ter feito sahir os elos partidos d'esta voracissima tenia dos intestinos da Minerva lusitana. Desejo que o sr. Conceição funcione nos alcatruzes da nora social. A lei darwinista do *struggle for life* não me parece bem necessaria á minha conservação para que eu destrua de vez aquelle pobre diabo.

Todavia, eu imaginava-lhe outro pulso. Cuidei que elle tivesse o elasterio dos palhaços que se estorcem com os sonoros pontapés, mas sustentam o equilibrio. O homem cabiu. Está atascado miseravelmente no espojadouro que fez; e eu, alargando-lhe a serrilha com insolita caridade, concedo-lhe que se érga, que resfolgue e recobre alentos para uma reabilitação.

Vou dar ao meu paiz e a este singular desgraçado a prova suprema da minha magnanimidade, respondendo ao seguinte trecho do seu ultimo artigo. Conceição escreve:

«Voltando ao sr. Camillo dir-lhe-hemos que sobre este caso das incorrecções grammaticas devia s... ser talvez mais benevolente atenta a incorrecção com que se mette a citar phrases de linguas estrangeiras... Largue a ferula e fique sabendo que se não escreve *hors de ligne*; *hors de ligne* é uma tolice de caloiro; diz-se *hors ligne*.»

E acrescenta:

«Quando pois quizer dizer parvoices, não saia para fóra da prosa mazorra e sorna dos seus adorados quinhentistas. Etc.»

O sr. Conceição conhece a lingua franceza pelo Dictionario de José da Fonseca. Se ao menos compulsasse os vulgares dictionaristas Boyer e Cormon, o primeiro nos idiomas francez-inglez, e o segundo no francez italiano, encontraria em qualquer dos dous: *Errire*, *mettre hors de ligne*, com o significado technico da arte typographica d'onde derivam as applicaçoes analogicas. E, depois, se a authoridade dos dictionaristas o não satisfizesse, devia consultar os idoneos estylistas francezes; e, não achando exemplos, emprazar-me a que lhe apresentasse um *hors de ligne* empregado por escriptor francez auctorizado. Eu então, com a minha sancta pachorra, perguntava ao sr. Conceição se acaso o satisfaria o exemplo de um dos primeiros philologos da Europa e de um dos mais vernaculos escriptores francezes contemporaneos—Ernest Renan, por exemplo. O sr. Conceição decerto não teria o estúpido desplante de regeitar a authoridade de Renan; e eu então, com a mesma sancta pachorra, em vez de lhe dar com um volume de Renan na cara impudentissima, de um estanhado impenetravel, abria mansamente L'ANTECURIST do eminente historiographo das origens do christianismo, e a paginas 125 da edição de 1873, onde se tracta da educação de Nero, mandava-o soletrar as seguintes linhas: *Senèque fit bien plus de mal à son élève, par son mauvais goût littéraire que de bien par sa belle philosophie. C'était un grand esprit, un talent hors de ligne, et un homme au fond respectable, etc.*

Aqui está pois o sr. Renan escrevendo em francez uma tolice de caloiro, segundo a opinião philologica do sr. Conceição; e eu, illudido pelo sr. Renan, perpetrei a mesma tolice, segundo a opinião da besta acima citada. Ah! eu peço venia ao sr. Conceição para o capitular de besta; mas quer-me parecer que me corre mais restricto dever de pedir licença ás bestas para lhes chamar *Conceiçãoens*.

Qualquer pessoa, tateando a desavergonhada ignorancia de tal adversario, mandava-o cavar os proprios pés, dando-lhe o ultimo boléo de misericordia. Não faço isso. Necessito do homem, em quanto me não sahir na encruzilhada litteraria outro palerma de mais pujança. O sr. Conceição é uma grande pilula de familia, um drastico hebdomadario que eu uso como derivativo de ruins humores encruados pelos tedios ruraes. A minha suave vingança é expol-o uma vez por semana, fazel-o vomitar as coleras de uma ignorancia rara, esfolal-o, desfibrar-lhe os tecidos, desarticular-lhe o arcaboço até lhe pôr em espectáculo hilariante a alma nua,—obrigal-o em fim a exhibir espontaneamente a indigencia das suas lettras e as porcarias indeleveis da sua indole canalha. Isto só o faz quem vive n'uma aldeia, fatigado de folhear livros circumspectos, e pouco abastado para estipendiari goliardos de profissão.

Que terá elle que replicar ao *hors de ligne*? Agora é que se dá o lance sanguinario de eu ser arrebatado por um gallego, porque o sr. Conceição ameaça-me dest'arte no seu artigo: *quando se me esgotarem os recursos da palavra, alugo ahi no Porto um gallego e mando-o a S. Miguel de Seide arrebeental-o com dois pontapés.*

Pois olhe, infeliz sr. Conceição, se a sua pessoa, cada vez menos immaculada e mais capellista, me dissesse coisas de entupir, eu não mandava á Figueira rebental-o gallego nenhum, por que não sou capaz de gastar 3 corôas no processo do seu arrebeental-o. Preparo-me para o ver estourar por si mesmo como os abcessos apothemados. O gallego, se eu lá o mandasse, na presença da sua pessoa, devia sentir-se perplexo do nojo que sentiu o burro da lenda de Victor Hugo em frente do sapo. E o sr. Conceição um gaz sulphydrico expansivo que hade rebentar n'uma grande espontaneidade fetida, e muito estampido, a menos que o não comprimam por dentro os 3 gallegos que s. ex.<sup>a</sup> tem na possilga da sua alma latrinnaria.

Mas, enquanto o gallego seu representante não chega, hade permittir que eu, praticando um bizarro lance de cavalheirismo, desça a aproveitall-o, como um jogonal que entretem meia hora, e se remove a chicote quando enfastia.

Vamos esmiuçar outro periodo philologico do artigo do sr. Conceição. Diz elle:

*Demonstra-nos que não sabemos declinar pronomes pessoas por que n'uns versos ha vinte annos escrevemos «a si» em vez de «a vossa senhoria.»*

Ora, o livro que elle dedica a «seu pae, o Illm.<sup>o</sup> Sr. Bernardino Simoens da Conceição» foi impresso em 1875. A asneira tem 16 e não 20 annos. Em chronologia atrapalha muito. A mim dá-me elle 60 annos, como se não fossem bastantes os 54 que tenho. Concedido, porém, que o sr. Conceição, ha 20 annos, quando escreveu *em si*, não soubesse declinar os pronomes, um dia destes quando escreveu *consigo*, não estava mais adiantado na declinação dos mesmos. Era o mesmo burro com mais 20 annos. E admira-se, lorpamente ironico, que eu lhe corrigisse o *em si* em *vossa senhoria*, nos versos ao progenitor dos seus dias. Vamos reproduzir os versos com a emenda a ver como soam:

A MEU PAI

«Se tudo quanto vive é grato ao Deus da vida,  
«Se a flor deve o perfume ao sol que a fecundou,  
«Eu, pois que vejo *em vossa senhoria* a imagem reflectida  
«De Deus, sol de minh'alma, a flor d'alma lhe dou...

A fallar verdade, o verso da *senhoria* fica muito comprido; mas, por maior que seja, é muito menor que a asneira sacrilega e blasphema de imaginar que aquelle Ill.<sup>m</sup> Sr. Simoens paterno é a imagem reflectida de Deus. Nada de chalaças com o Ente supremo, sr. Conceição.

E que *flor d'alma* elle dá ao referido sr. Simoens, reflexo de Deus! As *Alvoradas*. Bonitas coisas para offerecer a um pai!

*Ergue os teus seios tremulos  
e as formas delicadas  
de sobré as almofadas  
e deixa-te adorar.*

Outra *flor d'alma* que elle põe na lapella da jaqueta de Simoens. Pede um beijo, e propõe á rapariga que tem vergonha, um *meio selecto*:

*Em vez de vires aqui  
dar-me um beijo envergonhado  
eu fico sendo o culpado  
dando-te os beijos a ti.*

*Com taes vantagens á vista,  
hesitou, mas foi cedendo.*

Recebida esta segunda *flor d'alma*, o sr. Simoens, se fosse um pai sério, dava-lhe uma surra com um chinello.

Outra historia de beijo:

*Pedi-lhe baixinho um beijo  
e ella curvou a cabeça,  
e depois disse com pejo:  
não é cousa que se peça.*

*Não é, mas rouba-se.— E n'isto,  
etc.*

Ora vejam como o pai do pequeno não ficaria jubiloso a cheirar estas *flôres d'alma* que fedem como fructos pôdres do corpo!

Mais tres quadras, que o velho Ill.<sup>m</sup> sr. Simoens devia receber como tres pastilhas de cantharidas:

*Se te fallo de amor não me respondes,  
se vou para beijar-te ris córando,  
e concedes o beijo, mas curvando  
a frente ao seio, aonde tu n'a escondes.*

*Esconde; olha, eu, por mim, não me arre nego;  
o que te digo é que esse teu receio  
faz ás vezes com que eu te beije o seio,  
como errando o caminho — se estou cego!*

*Desterra para longe esse embaraço;  
vamos, olha p'ra mim, mas sem tal pejo;  
vamos, se não córares dou-te um beijo,  
Se córares... então... dou-te um abraço.*

As *Alvoradas*, como se vê, pertencem ao lyrismo enervante, comido de vicio, e pruido de lascivia. Tem o diabo no corpo este poeta piranga que depois se fez philosopho. Assim como a Platão no berço lhe pousou nos labios um enxame de abelhas, na bocca dest'outro Platão de Trancoso estravou-lhe uma suja revoada de moscas verdes. Anda o vate com os beijos encanudados a querer beijar tudo. E, volvidos alguns annos, o homem dizia de si e da sua versegadura: *Devemos a essa doença* (o romantismo) *diversas calamidades publicas, e entre ellas a praga interminavel dos poetas sentimentaes e incomprehendidos, faltos de cor e de senso commum, cheios de caspa e de vicios, malandros e esquipaticos.*

O vate depois limpou a caspa, purgou-se dos vicios, derivou de malandro a positivista, e pegou a gritar: *É preciso limpar a cabeça do paiz d'esta caspa repugnante que ameaça de lhe perfurar o craneo, absorvendo-lhe os poucos miolos que lhe restam.* E no esgoto d'estas esparramadas necedades methaphoricas, conclue: *É preciso ir até ao murro e ao pontapé.* (Veja Nota 51, á *Viagem á roda da Parvonía*).

Aqui está como este relapso do romantismo quer que se expulsem os seus collegas não renegados—*a murro e a pontapé*. Elle tocou a barreira de uma ferocidade truanesca em que principia o grande districto do ridiculo immortal. Sente-se a gente vacillar entre o desprezo e a compaixão quando vê este homem, á volta dos 40 annos, este confrade hôrra do conventiculo positivista, vociferando como energumeno contra o romantismo e reclamando, em nome da sciencia, o murro e o pontapé para uns desgraçadinhos que elle gafára, ensinando-lhes a pedir beijos a todas as mulheres, e a darlh'os no cumulo de uma desenfreada concupiscencia! Vejam que traste!

Diz-me elle n'um assomo sarcastico de republicano da ultima hora que eu *sou amigo do throno*. Dir-se-hia que este Harmodius de cutiliquê nunca incensou os reis, lendo-lhe os insultos que a sua moderna politica lhes dardeja. Vejam como elle, ha annos, balan-ceava o thuribulo deante do sr. D. Luiz I:

.....  
*É este o rei que eu hoje aqui saúdo ;  
 o homem que nos faz do sceptro escudo  
 e do throno uma grei ;  
 em quem o pobre encontra sempre um braço,  
 e que sabe apertar no mesmo laço  
 a liberdade e a lei.*

*Salve, pois, digno irmão d'esse monarcha,  
 Tito no coração na alma Petrarcha  
 que Deus nos quiz levar !...  
 Este povo, que adora a liberdade,  
 tambem se curva aos pés da Magestade  
 que a sabe respeitar.*

(Alvoradas, pag. 77.)

E invectiva o meu affecto ao throno este duas vezes apostata do romantismo e da realza.

Orça pelo mesmo desafôro a sua probidade na critica litteraria. Quando Silva Pinto publicou os seus *Realismos*, e lhe enviou o livrinho, Conceição, em carta particular, taxava-lhe o formosissimo trabalho de *má acção litteraria*. (Veja *Realismos*, 3.<sup>a</sup> edic. pag. 55) E essa *má acção litteraria*, consoante a opinião do mesmo critico impressa no *Seculo*, soffre a seguinte transfiguração: *Silva Pinto publicou o pequeno volume dos REALISMOS não para ridicularisar a escola, mas precisamente para o contrario, para matraquear uns idiotas grotescos que lhe andam arriscando o futuro e a dignidade com umas imitações inscientes, ignaras e servis. Quer dizer: Silva Pinto tem o merecimento de ter sido o primeiro soldado da nova milicia a romper este fogo em que eu ando empenhado.*

Isto é mais que descarada leviandade—é uma covardissima subservencia, uma pifia abjecção, por que temeu levantar contra si o latego como sabe brandil-o o pundonor do talento e da justiça. Involvo o nome de um amigo que muito prezo n'esta contenda depois que elle definiu a sua posição na *Revista do Norte*. O sr. Silva Pinto sabe que eu lhe pedi mais de uma vez que me não prestasse o seu consenno litterario n'este debate com sarrafaçal de tão pequena estatura.<sup>1</sup>

Mas isto não vai a zangar. O que eu lhe não perdôo é a ingratição. Elle deve-me o renome que está fruindo no reino; e a não me cegar a vaidade, talvez o faça conhecido no Brazil, se a sua apojadura de tolices não se exhaurir tão cedo, como espero. A mim deve o sr. Conceição referencias desta especie divulgadas pela imprensa da côrte. O n.º 231 do *Pimpão* dizia: «Alexandre da Conceição Immaculada, no seraphico intento de preconisar a escola realista, disse ser ella o producto, etc.» O n.º 232 do mesmo *Pimpão*, dizia: «Alexandre da Conceição Immaculada, informando o publico ácerca da arte, etc.» E concluia: «Damos um porquinho doce a quem penetrar a lettra d'este mixtiforio vasconso, a começar pelo proprio auctor immaculado.»

Elle já anda entoado em endeixas fadistas que gemem nos bordos do *Quintão* e da *Perna-de-pão*.

*O' Conceição, Conceição !  
 Já não és immaculada,  
 Agora és capellista, etc.*

diz a trova.

A final, quando eu me deliciava na hypothese de que elle esva-

<sup>1</sup> Depois de escripto este artigo, li a honrada declaração, mas não solicitada por mim, que o sr. Silva Pinto inseriu no seu vigoroso escripto publicado no u.º 3 da «Bibliographia». Agora é tempo de confessar a ufania com que vejo a meu lado o pulso do rijo oscriptor, na esperança de contendores mais dignos d'elle.

ziara o cadoz das larachas, desentranha-se em mais 3, muito certeiras, frisantes e apropriadas aos meus notorios costumes. Diz que me eleva á cathegoria de *Balio de S. Miguel de Seide, barão do Cazacão, e visconde de Vallada*.

Quando isto li, deu-me para chorar um grande choro, com uma compaixão enorme por este phenomeno monstruoso de semsaboria. Depois, n'um impeto de caridade, como não podesse rapal-o para lhe tartarizar a cabeça sandia, lembrei-me aconselhar-lhe que se sumisse, e, conforme os processos de Heliogabalo, escondesse a sua vergonha n'uma cloaca.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

S. Miguel de Seide, 4 de março de 1881.

### Camillo Castello Branco e a «Corja»

#### I

Após a referencia que ao meu trabalho dispensou Camillo Castello Branco (vid. o 10.º numero d'esta *Revista*), o sr. Alexandre da Conceição dirige ao grande escriptor (vid. o *Seculo* de 19 do corrente) as seguintes palavras:

«Escusa de gritar por soccorro que Silva Pinto não lhe acóde. Dê-se ao trabalho de ler d'este escriptor o folheto — *Do Realismo na Arte* — e verá que elle expõe alli com lucidez e consciencia, ácerca da arte realista, justamente as mesmas idéas que eu ainda não consegui fazer perceber a v. ex.ª.

«Silva Pinto denomina correctamente os dous grupos em que se acha dividida a escola realista em grupo dos psychologistas e grupo dos physiologistas. V. ex.ª a seu turno denomina tudo isto *engoiadas maravalhas*, uma phrase com papeira academica de doutor em canones e pigarro ecclesiastico de conego regrante.

«Silva Pinto depois publicou o pequeno volume dos *Realismos*, não para ridicularisar a escola, mas precisamente para o contrario, para matraquear uns idiotas grotescos que lhe andam arriscando o futuro e a dignidade com umas imitações inscientes, ignaras e servis. Quer dizer: Silva Pinto tem o merecimento de ter sido o primeiro soldado da nova milicia a romper este fogo em que eu ando agora empenhado...»

Ora no *Realismo na Arte*, cuja edição 3.<sup>a</sup> se publicou ha dias, anotei, nos seguintes termos, um juizo do sr. A. da Conceição, desfavoravel aos *Realismos*:

«O sr. Alexandre da Conceição accusou recentemente Camillo Castello Branco de guerrear iniquamente os homens novos e, em especial, Eça de Queiroz; no dizer do sr. A. da Conceição, o grande escriptor agravava a iniquidade dos ataques, — capitaneando os cretinos do jornalismo barato. Deram-me rebates aos brios uns amigos cuidadosos da minha reputação de intolerante em materia de insinuações recebidas. Reflecti; lancei os olhos aos documentos de amavel deferencia e de consideração, pela bondade, que d'este collega tenho o gosto de possuir—em manuscripto e em redondo—extremamente recentes, e conclui: que o sr. A. da Conceição não me filiara aleivosamente, e sem meu consentimento, na *Associação dos jornalistas e escriptores (parvos) portuguezes*.

Mas, — temos um *mas*, — o sr. A. da Conceição escrevera-me recentemente uma carta... severa, a proposito do livro *Realismos*. O sr. A. da Conceição escrevera-me particularmente, entende-se. Não alludo á sua carta senão porque ella me torna hoje um tanto solidario com o sr. Camillo Castello Branco perante as accusações publicas do meu correspondente.

Eu não sei que diga ao sr. A. da Conceição a respeito de irreverencias contra o sr. Eça de Queiroz; não fallo da perseguição (sic) levada a exito por Camillo Castello Branco; sobre esse caso lá está o mestre, e nós (todos os que lêem portuguez) cá estamos para ouvir—com a attenção que a nenhum outro se dispensa. Mas, pelo que directamente se refere ao que o sr. A. da Conceição denomina *má acção litteraria*, por mim praticada com os *Realismos*, só me cumpre deplorar que as apprehensões d'este collega lhe cerrassem o entendimento para a comprehensão do meu trabalho e da justi-

ficação — infelizmente necessaria — que o acompanha e que acima transcreevi.

Nesse ponto, afigura-se-me que o sr. A. da Conceição não defende Eça de Queiroz contra os perseguidores: defende os idiotas que se prendem pelo vinculo da imitação grotesca ás individualidades respeitadas: defende os cretinos (cá lhe emprego o termo) que se fazem admirar no botequim pelos seus congéneres e que com estes alli estudam e conquistam fóros de escriptor: defende essa ganhada inscípente, patétinha, que coga a elephancia cerebral nos camarins das *cocottes theatras*, e que faz critica, sem possuir miólos: defende os imbecis que espojam a ignorancia crassa e a malevolencia cobarde nas columnas jornalisticas abertas aos collaboradores baratos — uns taes que, na phrase do escriptor illustre, dão artigos por meias solas; defende os velhacos que conspiram na sombra contra um nome glorioso e temido e que não hesitam em bandear-se com a ralé dos litteratiçõs anonymos, no trabalho de diffamação. E essa corja de miseraveis, torpes até á nausea, que applaude as palavras d'um homem estudioso e de precedentes sérios, na hora em que esse homem lhes defende involuntariamente os interesses. Oxalá que não tenhamos de registrar com os nomes dos principaes culpados as minudencias das torpezas.

Eu esperei muito em discussão serena quando a maxima serenidade transluzia das palavras discordantes do sr. A. da Conceição no vasto campo das idéas. A discussão, hoje, não a espero nem desejo, porque não conto com a serenidade. Mas os documentos do meu respeito pelo trabalho sério ali ficam nas paginas precedentes. O respeito não é o facciosismo: deriva-se da consciencia esclarecida e só assim pôde ser justo.

Nada mais.

Ora, em face d'estas annotações, as boas palavras do sr. A. da Conceição significaram apenas: — que s. ex.<sup>3</sup> concordára commigo á hora em que se lhe tornava urgente um partidario a mais ou um adversario a menos.

Constituiam-me pois as boas palavras do sr. A. da Conceição no dever de annotal-as severamente e a taes severidades me dispunha, quando o auctor d'essas palavras me communicou (em 22 do corrente):

Que as suas palavras do *Seculo* (de 19 do corrente) importavam a declaração de que «se enganára ao classificar de *má acção litteraria* o meu livro *Realismos*.»

Essa declaração viu a luz quando ao sr. A. da Conceição eram ainda desconhecidas as minhas annotações á sua discordancia — diz s. ex.<sup>3</sup> — Effectivamente, o artigo do sr. A. da Conceição foi publicado no dia em que saiu do prelo o meu trabalho.

Resumindo: Durante uns tres a quatro mezes conservei-me sob o peso de uma accusação do meu collega. Nada me apressava a destruil-a, porque s. ex.<sup>3</sup> não a publicára. Ao cabo d'esses tres ou quatro mezes, quando os artigos do sr. A. da Conceição contra o grande escriptor me chamam implicitamente á barra (a mim, culpado como o mestre, de uma *má acção*) e quando eu refuto a accusação iniquissima do meu collega, o accusador diz-me que se enganára ao accusar-me e entende que o meu trabalho foi o romper do fogo em que elle hoje se acha empenhado.

Eis o estado da questão.

Agora, cumpre-me desvanecer outros enganos que se manifestam nas boas palavras do meu collega. E dever de consciencia.

Camillo Castello Branco, o colosso que desbarata legiões, não gritou por socorro (sic), não pediu a Silva Pinto que lhe acudisse (sic) contra o sr. A. da Conceição. Quando este escriptor aggreuiu a corja e implicitamente o glorioso romancista, eu manifestei ao mestre o vago intuito de sahir á estacada, por amor da critica. O mestre pediu-me que o deixasse discutir — elle só — o curioso pleito. Elle ignorava que o sr. A. da Conceição me accusava de *uma acção má* a proposito dos *Realismos*, e eu, que posso esquecer uma injustiça dirigida á minha individualidade, não esqueço uma accusação injusta aos meus principios. Portanto, envolvi-me na contenda.

Camillo Castello Branco a pedir-me *socorro* seria o caso de João de Deus a pedir-me uma rima...

Outro engano do meu collega:

Já demonstrei algures a significação e o alcance do meu trabalho e não careço de reproduzir a demonstração. Não sou um soldado da nova milicia, nem estou disposto a alistar-me n'ella, porque

vejo para lá do sr. A. da Conceição uns idiotas e uns gatunos, refugio de botiquins, que me não serviriam para camaradas, nem ao meu calçado para engraxadores. Para noticiaristas, sim: acho que servem, — estão bem.

O meu trabalho não é pois o *romper do fogo* contra o homem illustre de quem o sr. Ramalho Ortigão — um idolo dos modernissimos — escreveu honradamente:

«O segredo da pasmosa fecundidade do sr. Camillo Castello Branco, com ser este talvez o mais imaginoso dos escriptores portuguezes, não está ainda assim na facilidade com que observa. O que determina a avidéz com que todas as obras d'este admiravel romancista são lidas e relidas não é a trama geral da acção, mas sim, sob o prestigio da mais deliciosa linguagem, o perfeitissimo côrte dos caracteres e a inexcedivel pintura dos costumes <sup>1</sup>».

Não rompi o fogo contra o mestre; manifestei-lhe o vago intuito de defender as minhas crenças em dogmas de criticismo e elle pediu-me que o deixasse só a defendel-as. Ainda bem que as referencias ao meu nome e ao meu trabalho justificam hoje a minha intervenção.

De resto, eu só vejo motivos para congratular-me: trabalho sem auxilio de compadrio, sem descer á camaradagem de uns idiotas graduados em membros de associação de escriptores e em socios de geographicas; limito-me a demonstrar sem esforço que escrevo um tanto melhor do que o sr. Luciano Cordeiro — um critico que descobriu *Ulurus*; vou annotando á margem (gosto d'aquelle verbo) os partos intellectuaes dos cem mil escriptores meus conterraneos; dispenso a *camaraderie*, olho compadecido para a mixórdia que o *de Noticias* e outros potentados do Bairro Alto apregoam: e, afinal o primeiro escriptor portuguez aponta ao sr. A. da Conceição o meu trabalho e o meu illustrado collega apregoa esse trabalho como a exposição lucida e consciante da arte realista e (erradamente) como o primeiro fogo da actual campanha.

Se eu precisasse de recompensa para o meu pobre estudo realisado entre amarguras e no isolamento que não deploro, se eu carecesse de provas contra a insignificancia dos cafes que por ahí me escoucêam á sombra, julgar-me-hia hoje recompensado e por bem castigados teria os sarrafaçes se elles não encontrassem o castigo na sua cobardia para a discussão — a que os incito, indicando-lhes o seu posto — no monturo.

## II

Na dolorosa epopêa do genio discutido e calumniado abre uma excepção, que nos consola, este grande nome de Camillo Castello Branco. Os grandes homens insultados pela mediocridade confiaram sempre do Futuro o glorioso desagravo: Camillo encarrega-se das desforras; e os seus insultadores são *homens mortos* para a imputação desde a hora em que o gigante os discutiu, — dado que não vinguem purificar-se no arrependimento honrosamente confessado.

Eu insisto ainda agora na expiação que me rehabilita: se ha quem muito deva em lição, mais que muito salutar, ao mestre de todos nós, sou eu, que lhe aggrei o trabalho colossal, sem resvalar no insulto ignobil ao *homem* que mais tarde me foi mestre e ao *lar* que me recebeu amigo...

Pude assistir, hospede n'esse lar, á formação do ultimo livro de Camillo. Pede-me a consciencia, porventura illudida, um juizo favoravel á consciencia dos insultadores do livro e do seu author: — eu creio que os sentimentos de simples equidade, avocados pela simplicissima vergonha, dariam rebate á confissão do erro no espirito d'esses transviados, se n'esses espiritos pudesse transluzir um clarão tenuissimo d'aquelle viver de sacras amarguras que tem o lenitivo no trabalho, ou que desabafa em palavras de amigavel incitamento quando a provocação dos insensatos o não distrahe para as violencias do correctivo.

Afigure-se ao leitor de boa fé e de claro entendimento que a sorte, raro propicia a entendimentos honrados, o levou em hora de paz ao remanso de S. Miguel de Seide. É hospede na hospitaleira

<sup>1</sup> *Litteratura d'hoje*, 1866, por J. D. Ramalho Ortigão.

morada. Alta manhã, subiu ao gabinete de trabalho do mestre e achou-o solitário. Saliu da officina para o lugar do descanso: sobre o leito, presa dos soffrimentos physicos de cada hora, que os soffrimentos moraes vingam suffocar a espaços, o grande homem descança no trabalho. Não ha que hesitar na interrupção: entrai: lá está o sorriso socratico do mestre a receber-vos carinhoso. Abi tendes a *féra* que se propõem accossar uns taes que mal espulgam a insignificancia nas horas ferozes em que o pulguedo da vaidade parva lhes dá rebate ás furias: ahí tendes o *homem feroz* que esses pregoeiros de especiarias podres apontam como o algoz de suas industrias d'elles. Não hesiteis na expansão do vosso crer: elle, — o *verdugo* — tem indulgencia e conselho para todas as ignorancias; tem o silencio de favor para as vaidades que o não insultam; o que elle não tem é a resignação criminosa da bondade exagerada, quando os pygmeus chafurdam no pantano fétidissimo da injuria soez, no intuito de lhe salpicarem a formidavel sombra; o que elle não tem é a indulgencia da exagerada caridade quando suspeita que o aggressor ingenuo encobre o vulto de villão cobarde que se agacha na sombra, menos escura que a alma do miseravel.

Então, n'esses momentos em que os profanos imaginam, á luz vermelha da represalia do mestre, uma irritação feroz, o grande homem converte o aggressor em títtere, prende-lhe o cordel, puxa: as cambalhotas succedem-se; o publico ri perdidamente, ou sente frémitos de espanto: o insolente morde a terra, e quando o auditorio espera a punhalada final vibrada pelo gigante, o gigante applica no esmurraçado nariz do iconoclasta um misericordioso piparote. E ri.

Riso que seria crudelissimo se a bondade da suprema força o não temperasse...

As vezes, quando o feroz inverno da aldêa me fornecia, benevolo, o pretexto para conservar-me á beira de Camillo, o mestre concedia-me a leitura do seu trabalho, e eu lia distrahido: é que eu pensava, emquanto lia, nos esforços de uns miseros parturientes que atroam os ares com os seus gemidos quando cerradas noites dolorosas de meditação lhes arrancam dez paginas de *original* morto ao nascer, — uns reformadores sarrafaças que põem a tratos de emendas os compositores martyres, quando não preferem — no furor de produção — pôr a tratos a critica misericordiosa que lhes corrige, em que peze a safandões ingratos, as demasias de desaforados absurdos. Confrontava e confronto a espontaneidade uberrima e a ardentissima e vigorosa seiva d'aquelle espirito de luz com a escuridade interior dos ennuços que o doestam lá da acolheita das suas tropelias. E assim que o mister do critico se distrahe, a espaços, avocado pelo dever de amargas retaliações.

A CORJA, elaborado ao correr da penna pelo mestre, é um novo documento para o processo da mixordia litteraria. Demonstra-se, uma vez ainda, que o esplendor da *obra nova* é uma illusão d'optica fascinadora para o gentio zanaga, se os arrebiques não occultam o ouro de lei da concepção genial, ou da observação profunda, de par com os conhecimentos da lingua em que se escreve. E raro occultam esses thesouros. O que por ahí vemos é a saudação aos arrebiques, e, justiça inteira, se á pobre *critica* jornalística não é vedado o ingresso nas sociedades de *geographos* e de *escriptores*, a crassissima ignorancia veda-lhe o uso da palavra em assumptos que demandam estudo. Que ha a esperar em affirmações de tal lote por parte d'esses eternos infantes prodigiosos que trocam por bilhetes de theatro a sua triste collaboração nas gazetas e os seus direitos de litterato no *Martinho* ou na associação risonha?

Eu não posso reproduzir-me no aquilatar da moderna escôla (?), dos modernos artistas, dos modernissimos abortos e das deturpações que o trabalho de boa fé tem obtido dos censores inconscientes e dos facciosos instrumentos involuntarios de uns tetrarchas burlescos da evolução detarpadissima. Na hora em que estas palavras se formulam, outras se produzem sobre o *caso*<sup>1</sup>; não escasseiam ali minudencias relatadas, nem affirmações novas que á discussão se offerecem — e á injuria tambem. Mas que primores de sanissima linguaagem, para lição crudelissima dos abortos e para nossa lição solicitada, não offerece o novo livro de Camillo! Depois, como a espaços transparece, no decorrer da epopêa de miserias, o moralista mordacissimo e como n'essa mordacidade transluz um raio de

suprema piedade que sóem experimentar e conceder os espiritos de lei firmados na base dupla do estudo e da experiencia dolorosa!

Eu pasmo — hoje — quando um espirito culto e de serios precedentes atira a luva, de envolta com a injuria, ao invencivel athleta de mil combates. Comprehando as aggressões de uns gatunos que pedem a um puxão d'orelhas a *celebridade*, uns pelitrapos de botiquim accetes na Associação dos escriptores portuguezes (sic): mas, que uma entidade pensante, no usufructo da imputação, desça á camaradagem com a suja horda — é o que não se pôde comprehender sem derivar, para o triste caso, da allucinação partidaria, tanto monta — do mais triste facciosismo.

Elle, o flagellador da CORJA não é apenas o erudito e paciente investigador da nossa historia, o derradeiro e mais illustre mestre da lingua portugueza, «o gigante que fixou em livros immorredouros toda a comedia portugueza contemporanea» (palavras do sr. A. da Conceição no seu primeiro artigo sobre a CORJA); mal vae aos tristes aggressores que o consideram immobilizado nos estudos de ha vinte annos: com a authoridade de quem assim levanamente creu e mais tarde corrigiu os seus erros sobre Camillo e sobre outros, eu poderia asseverar que o grande escriptor acompanha no seu retiro da aldêa todo o movimento litterario e scientifico do periodo contemporaneo, — poderia asseverar-o, se não visse bater em retirada, após tres dias de *lucta*, a aggressão moderna ao supposto immobilizado... Mas, não será um crime igual ao da aggressão esta apparencia de defeza?

De homens como Camillo é uso dizer-se: — «Está ainda muito perto de nós para a justiça; o futuro ha-de fazer-lh'a». Quer dizer. — Estabeleçamos como norma o insulto aos mestres, durante a vida; mais tarde, depois da sua morte, nos servirão seus nomes para injuriar os vivos! O' espiritos sublimados dos homens d'hoje, reformadores do existente, destruidores da torpeza legalisada! se não applicasseis todo o marmore disponivel á construcção das vossas proprias estatuas anticipadas, se não empregasseis o vosso esforço em tentativas de demolição das glorias justificadas, se não desseis guardia aos insignificantes repletos de odio e aos parlapatões repletos de charlatanismo, se abrigasseis o respeito ao genio aureolado pelos cabelos brancos e pelo saber, — não dariamos o spectaculo permanente de contendas deploraveis entre os apregoados voluntarios do bom senso e da justiça.

SILVA PINTO.

(Bibliographia, n.º 3.)

## CHRONICA ELEGANTE

Vamos descrever ás nossas leitoras as toilettes-sensação de Sophia Croizette na *Princeza de Bagdad*, de Dumas filho, toilettes que foram em Paris um verdadeiro acontecimento.

*Lionnette de Hun* apresenta os seguintes esplendidissimos vestidos aos binoculos assestados da alta *gomme* da Comédie-Française.

1.º acto. — Toilette azul, uma obra prima!

Vestido de baile de setim azul lago; avental de setim bordado a perolas brancas, cobrindo a parte da frente da saia e abrindo em leque á esquerda sobre uma quilha de setim branco, guarnecida de rendas de Bruges, muito largas; nas tres pontas do avental bouquets de rosas de Nice, tendo pousadas duas azas de melro de Africa, de bellos tons verdes assetinados; a extremidade do vestido era guarnecida de rendas franzidas, enliando uma grinalda de rosas de Nice, mordida de escarabeos de côres exquistas: na parte inferior uma cauda de setim liso, lançada em forma de *burnous* desde a cintura até abaixo e cingida com pregas apertadas; corpete decotado em coração, adiante e atraz, atacado no peito e preso nos hombros por bretelles de renda, todo recamado de bordados a perolas: uma aza no corpete e duas azas nos cabellos completavam este vestuario maravilhoso, de um luxo mirabolante.

2.º acto. — Vestuario de crepe da China coberto de rendas pretas e scintillante de contas facetadas: saia redonda de seda preta guarnecida de pequenos *plissés* de renda; tunica de crepe da China polvilhada de contas, formando na parte da frente dois aventaes recamados de bordados a contas. Corpete apresentando pontas semelhantes ás da tunica e caindo pesadamente, com a elegancia magistosa de manto antigo. No meio d'este conjunto de côres escu-

<sup>1</sup> *Do Realismo na Arte*, por Silva Pinto, 3.ª edição. Porto, 1881.

ras e de faiscações vitreas a belleza loira de Croizette resaltava com um relevo extraordinario.

Na scena em casa de Nourvady, quando ella arrancou o *fichu* e mostrou as suas bellas espadoas nuas, na sala passou um fremito de assombro.

3.º acto.—*Lionnette de Hun* veste n'este acto uma opulenta toilette escarlata, mixto de setim francez e setim maravilhoso de duas côres: a saia é guarnecida com dois folhos, um claro e outro escuro, sendo a frente infeitada com festões de bonitas franjas de cordão, eguaes ás que se usavam ha quinze annos: a cauda, em setim maravilhoso mais escuro, da côr das franjas, é ornada com dois grandes concheados guarnecidos de franja, formando tunica e principiando na cintura.

E já que estamos no dominio da *Chronica Elegante* occupar-nos-hemos igualmente das toilettes brilhantissimas de Leontina Massin, na *Nana*. A primeira, aquella que obteve maior exito, foi a de *Madame Saint Ange*: frente de setim côr de salmão, *plissés* em concheado, alternados com farchas de uma esplendida pellucia de riscas côr de fogo, coberta de uma chuva de contas de ouro: cauda de pelucia, dividida em tres pregas fundas, terminando com dois folhos de setim: apanham a cauda cordões escarlates e doirados: corpete decotado, finalizando em bico no peito e nas costas e atacado atraz: *plastron* de perolas na frente e uma soberba rosa chá no decote.

Finalisaremos descrevendo o vestuario formosissimo da rainha de um baile republicano.

Referimo-nos a madame P... que ostentou no primeiro baile da Presidencia uma deliciosa toilette composta de um vestido de crepe de seda e oiro, escarlata e creme, admiravelmente infeitado com charpas e muito decotado nos hombros: na parte da frente, disposta de maneira a formar uma especie de *porte-bouquet*, brilhava uma rosa lindissima com botão e folhagem que se prolongava em torno do corpete, a mesma grinalda servia de mangas, sendo os hombros marcados por duas rosas mais pequenas; um cinto formado pela mesma folhagem cingia a cintura, prolongando-se do lado esquerdo, indo ligar-se a uma enorme rosa collocada na extremidade de uma facha, e levantando a saia sobre uma outra de setim creme coberta de *plissés* de renda.

SCENTELHA.

## RUMORES DOS PALCOS

Deve realisar-se hoje na Trindade a festa artistica da insigne actriz, Anna Pereira. Talento espontaneo, de uma flexibilidade prodigiosa e de uma assimilação rara, Anna Pereira é a unica actriz portugueza que tem passado atravez da opera comica, do drama e da comedia deixando sempre um exemplo a imitar e colhendo ordinariamente, em cada nova fase do seu talento, um triumpho. A opera comica escolhida para o seu beneficio, que vae ser para a Trindade uma noite de festa rija, intitula-se *Valentin, o diabrete*.

\*  
\* \*

Communicam-nos do Porto:

A festa artistica da notavel prima-donna, Giuseppina Gargano, no theatro lyrico do Porto, foi uma serie não interrompida de ovações.

A commissão promotora da festa avantajou-se pelos seus esforços em dar á solemnidade todo o caracter de lusimento de que se tornava crédora a artista, que o nosso publico tem applaudido com entusiasmo perseverante e com justificado apreço.

Logo ao sahir do hotel onde se acha hospedada principiou a assinalar-se para a sr.<sup>a</sup> Gargano a festa que lhe era consagrada, aguardando-a no atrio do mesmo hotel a banda dos bombeiros voluntarios, que executou uma peça de musica, até que a artista subiu a um magnifico *landeau*, tirado por quatro cavallos brancos, ricamente ajazados e guiado por cocheiro e trintanario vestindo ricas librés, agalbadas a ôuro.

No theatro de S. João, que exteriormente se achava profusamente illuminado e embandeirado, foi recebida pela banda marcial de caçadores 9, vestindo de grande uniforme, e entusiasticamente victoriada.

O atrio do theatro estava orlado de vasos com plantas e estatuetas. A sala do espectáculo, numerosamente concorrida de damas e cavalheiros, offerecia um aspecto deslumbrante não só pela variedade e elegancia das *toilettes* como pela luxuosa ornamentação. Os camarotes estavam adornados com elegantes sanefas de setim verde, branco e vermelho, franjadas a ouro, e na frente de cada um d'elles havia um elegante *bouquet*; de todos os candelabros suspendiam-se galhardetes das côres portugueza e italiana. Os medalhões dourados que adornam as diversas ordens de camarotes eram orlados de corôas de flores, de que pendiam fitas de seda. No bambolim do panno de bocca via-se um tropheu das bandeiras portugueza e italiana e no centro um escudete no qual se lia: «Março—3 de 1880»; dos lados da tribuna real pendiam dous lustres, e sobre a ribalta assentavam dous candelabros. Como dissemos, foram cantados os 2.º, 3.º e 4.º actos dos *Puritanos*, sendo freneticamente saudada na sua entrada em scena a eximia cantora.

No intervallo do 2.º para o 3.º acto, a distincta prima-donna, depois de receber estrondosos applausos, cantou com notavel mimo e correcção o *Cor de Oberon*, composição apreciavel do sr. Eduard Vianna, recebendo depois de envolta com uma ovação indiscriptivel algumas joias de valor, primorosos *bouquets*, pombas enfeitadas e grande copia de flôres soltas. A pedido dos espectadores, o *Cor de Oberon* foi bisado, sendo chamado ao proscenio o seu auctor que foi entusiasticamente applaudido. Em seguida, a sr.<sup>a</sup> Gargano cantou as variações de Proch, que lhe valeram nova ovação e numerosos *bouquets*.

Levantando-se de um camarote o distincto poeta, o sr. Henrique Marinho, recitou uma bella poesia exaltando os talentos da deusa da festa e foram distribuidas outras poesias pela sala. O resto do espectáculo decorreu no meio de applausos freneticos á sr.<sup>a</sup> Gargano, havendo no final um verdadeiro delirio.

Terminado o espectáculo, a banda dos bombeiros voluntarios tocou no palco o hymno de sua magestade el-rei, e pouco depois a distincta actriz era acompanhada por grande numero de cavalheiros ao *landeau* que a conduziu ao hotel, sendo saudada com entusiasmo em todo o percurso e á porta do hotel, onde appareceu a uma das janellas para agradecer as saudações.

Os principaes brindes que recebeu a sr.<sup>a</sup> Giuseppina Gargano foram os seguintes:

Um estojo de prata, com chavena, pires, colher, faca e garfo, artisticamente trabalhados, offerta da commissão promotora da festa; um par de brincos e medalha com pedras finas, offerecidos pela administração do theatro; um outro estojo de prata com calix, colher, safeira, colherinha para sal e faca, offerta da commissão referida; um riquissimo tinteiro de prata com banca de madreperola, offerta das senhoras do Porto; uma valiosa pasta de velludo, com cantos de prata, tendo na frente as iniciaes do nome da gentil cantora G. G., contando authographos, poesia e prosa, em portuguez e francez, dos srs. Henrique Marinho, Baptista Coimbra, Jayme Filinto, Fernão Dantas, Xavier de Carvalho, Joaquim de Araujo, Firmino Pereira, Alberto Roque, Lopes Teixeira, Antonio Cruz; uma corôa de louros com bagas douradas e fitas vermelhas com franjas de ouro, offerta da pela colonia ingleza; uma corôa de flôres artificiaes com fitas côr de rosa, offerecida pela commissão acima mencionada; um *bouquet* de flôres artificiaes com fitas vermelhas e franja de ouro, offerecido por uma familia que occupava o camarote n.º 10 da 3.ª ordem; um outro *bouquet* de aprimorado gosto, tendo pendentes ricas fitas brancas, offerecido pela familia do sr. visconde de Villar d'Allen; e mais 12 *bouquets* de flôres artificiaes, adornados com fitas de differentes côres franjadas de ouro, offertados pela commissão iniciadora d'este espectáculo de honra á distincta artista.

Além d'estas prendas, que todas ostentavam muita riqueza e o mais delicado bom gosto, foi-lhe tambem offerecido por diversos membros da corporação dos bombeiros voluntarios, um rico bracelete de ouro esmaltado. Este brinde, porém, foi-lhe roubado, ao que parece, do camarim, tendo já sido a respectiva queixa d'esta extorsão apresentada á policia.

## BIBLIOGRAPHIA

Distribuiu-se o n.º 9 pertencente ao 31.º anno do excellente e acreditado periodico hespanhol, *El correo de la moda*, brilhantemente redigido pela illustre escriptora madrilense, D. Angela Grassi.

\*  
\* \*

Publicou-se o n.º 53 da *Moda Illustrada*, magnifica publicação quinzenal, tratando de modas, editada pelo sr. David Corazzi.

O summario é o seguinte:

*Supplementos*: Figurinos coloridos.—Folha de moldes e debuchos.

*Gravuras*: Vestido para menina (frente e costas).—Vestido para senhora de idade.—Tira de tapessaria. Dez modelos de sapatos e botinas.—Vestido para visitas.—Trajo para casa.—Vestuario para casa e passeio.—Vestuario preto.—Vestuario para menina (frente e costas).—Vestuario de setim e cachemira.—Vestido preto.—Capa para creancinha.—Vestido comprido para creança.—Chapeu redondo á hespanhola.—Vestuario para baile e grande sarau.—Vestuario de baile.—Sete modelos de fatos para creanças (frente e costas).—Renda de Crochet.—Cofre de madeira e bordador para o adornar.—*Vide-poche*.—Entremeio de galão e crochet.—Chapeu para creancinha.—Vestuario curto; grande e pequena cauda para elle.—Saia para creancinha.—Vestido de baixo comprido, para creancinha.—Crochet tunesinho imitando malha de agulha.—Trajo curto de lã.—Trajo meio curto (frente e costas).—Quadrado de rede bordado.—Roupão para senhora nova.—Enygma.

*Artigos*: Correo da moda.—Livros novos.—Camelias e violetas.—Entre-actos.

\*  
\* \*

Transcrevemos do nosso collega *Jornal da Noite*:

Já se acha publicado o 1.º volume das viagens da celebre Carla Séréna, que tem por titulo *Do Baltico ao mar Caspio*.

Carla Séréna conquistou pelo seu talento e estudos, não só a admiração de todo o mundo litterario, como o grau de official da Academia, a medalha da ordem de Letras e Artes da Suecia, e o diploma de membro correspondente das sociedades de geographia de Vienna e Paris. O livro, a que nos referimos, abre com uma carta muito lisonjeira de Victor Hugo, com data de 3 de agosto do anno findo. O grande poeta exprime-se assim: «As vossas narrações, minha senhora, interessaram-me vivamente. No numero dos viajantes uteis e intrepidos d'este seculo ha de contar-se uma viajante, que sereis vós. O futuro vos prestará a homenagem que eu vos rendo hoje.»—Victor Hugo.

\*  
\* \*

Distribuiu-se o n.º 3 da *Bibliographia portugueza e estrangeira*, pertencente ao 3.º anno, publicação interessantissima da livraria Chardron, onde se poderá estudar o extraordinario movimento d'esta casa editora, uma das primeiras do paiz. Insere artigos dos srs. Camillo Castello Branco, A. da Conceição, Silva Pinto, Greenfield de Mello, Arnaldo de Oliveira, Padre Castro da Cruz e Mont'Alverne de Sequeira.

\*  
\* \*

Recebemos o fasciculo 9, da *Chronica moderna*, pertencente a 27 de fevereiro, espirituosa publicação dirigida por Gervasio Lobato e editada por João Antonio de Mattos, proprietario da Empresa litteraria. Eis o summario:

*O carnaval e os meetings*, Lepsius.—*Zzt...* Julio Cesar Machado.—*Anda uma cousa no ar...* Moura Cabral.—*O carnaval*, Marianno Pina.—*Aveiro*, Carlos Faria.—*Theatros lyricos*, V. de D.—*Notas da semana*, Tricoche & Cacolet. Alem d'isto contém o presente numero um bello retrato gravado da grande cantora Herminia Borghini-Mamo. A *Chronica moderna*, em expediente inserto na ultima pagina, declara ao publico que de semanal que era passa a sair mensalmente, em fasciculos de 40 paginas, illustrados com um retrato, ampliando a parte litteraria com romances, artigos de sciencia, litteratura e bellas artes. Custará cada fasciculo mensal, 100 réis.

\*  
\* \*

Appareceu a publico um novo jornal brasileiro, o *Americano*, orgão litterario, artistico, scientifico, noticioso e commercial. Completamente estranho á politica, propõe-se advogar, em todas as suas fases, o bem da humanidade.

\*  
\* \*

O rei da Suecia, escriptor eminente, acaba de publicar um novo livro que tem por titulo: *Poemas e folhas arrancadas ao meu jornal*.

\*  
\* \*

O gremio litterario, *Castro Alves*, do Rio de Janeiro, consagrou uma sessão funebre em homenagem á memoria de Ernesto Biester.

## CARTEIRA DE UM FANTASISTA

## NOTA ELEGIACA

Cantae, aves, cantae o dithyrambo triste  
A fraca luz do dia!  
Cantae porque em meu seio já nem sequer existe  
A sombra da alegria!

Em quanto os vossos trinos me despertam n'alma  
A ardente commoção...  
Eu sinto, por alguém, a dôr, que não se acalma,  
Ferindo o coração!

Cantae, aves, cantae os hymnos amorosos,  
Aquelles que eu perdi!  
Lembrae-me inda uma vez os dias venturosos,  
Os que não tenho aqui!

Depois, quando na campa eu fôr adormecido,  
Calae, hymnos d'amor!  
Eu quero ali guardar—de todos esquecido!—  
A minha eterna dôr!

Cuba.

MATHEUS PERES.